

## CONVERGENCIA- COLÓQUIO DE PARIS 2025

### ***Efeitos do discurso capitalista e mal-estar contemporâneo: gozo, anonimato e passagem ao ato***

Rosana Aguiar  
Doris Rinaldi  
Ana Lúcia Falcão

O tema deste colóquio, “Mal-estar, castração, alteridade”, nos leva a indagar sobre as formas como o mal-estar na cultura se manifesta hoje.

Em 1930, Freud acentuou o aspecto paradoxal da relação do homem com o seu próximo e o laço social como a mais importante fonte de sofrimento, no âmago do mal-estar. Estamos condenados a depender uns dos outros. Isso está inscrito em nossa própria constituição subjetiva. “O Outro e os outros são estruturalmente necessários para nossa constituição subjetiva: não há sujeito sem sua inscrição no campo do Outro”. A renúncia pulsional é o preço exigido pela vida em sociedade, o que transforma a relação com o outro em objeto de desejo e angústia, de amor e ódio.

Para Lacan, “O próximo é a iminência intolerável do gozo. O Outro é apenas sua terraplanagem higienizada” (p.219). Um pouco antes, na Proposição de 9 de outubro de 1967, ele nos alertou profeticamente para um futuro em que a ampliação cada vez maior da segregação, estaria a serviço do equilíbrio dos mercados comuns. Chamou a atenção para a universalização introduzida pela ciência que, acoplada ao discurso capitalista, produz a manipulação dos grupos sociais e das populações, trazendo de volta o horror dos campos de concentração e da limpeza étnica, que hoje vemos se repetir tragicamente em Gaza. Em um recente vídeo difundido nas redes sociais o território de Gaza seria transformado em um resort, uma nova Riviera, depois de comprado pelo presidente estadunidense. Negócios e mais negócios é o que importa!

Lacan abordou o laço social a partir do esquema dos quatro discursos, ressaltando que o discurso é um modo de tratamento do gozo. Na Conferência em Milão (1972/1978) apresentou o discurso do capitalista, não como um quinto discurso, mas como um deslizamento perverso do discurso do mestre que promoveria a forclusão do laço social. O que nos interessa destacar é que essa modalidade discursiva obstrui o laço social, ao fazer com que o sujeito fique fixado a essa promessa e desconheça a sua divisão, atuando a ordem do mestre: goze, consuma!

O discurso capitalista induz a práticas perversas que visam obturar a castração, prometendo um gozo sem limite e fora dos domínios da ética.

São os efeitos deste discurso em sua fase atual de hegemonia do capital financeiro, cuja característica central é o anonimato, que queremos discutir ao abordar o mal-estar contemporâneo. As redes sociais são hoje um elemento importante da dinâmica do discurso do capitalista e uma fonte permanente de promoção de mal-estar. Marcadas pela dominância do imaginário, tem no anonimato a sua marca típica que favorece o discurso do ódio, a violência e instiga sobremaneira as passagens ao ato.

Hoje os acontecimentos de passagem a atos violentos podem ser visualizados em tempo real e essa nova forma de “laço” para apaziguar a angústia do contato corpo a corpo tem seus percalços, contempla o imaginário e deixa de lado a castração, já que muitas vezes em contextos de exposição de si mesmo e do outro, mostra seus sinais em várias esferas, pois o uso desmedido do virtual e das redes sociais cresce a cada dia em lugares os mais distantes do planeta, no qual boa parte dos que buscam diminuir o desprazer está sempre conectada com o visual, com a tela que prescindem do simbólico e da presença física. Nesse processo não há intermediação e limite ao gozo, as redes, a internet e os celulares, quase como uma prótese corporal, passam a fazer parte dos sujeitos e nem mesmo a presença de autoridades é capaz de barrar, pois para muitos usuários deste universo, qualquer lei fica dissolvida e sem lugar. Notadamente as redes, supostamente terra de ninguém, servem para passagens ao ato.

Assim, grande parte do sofrimento do falasser provém do fato de cada vez mais estarmos expostos aos modos de laços sociais orientados pela fuga da insatisfação e não somente pela busca do prazer pois, na atualidade se há algum desprazer algo está imaginariamente errado e os objetos para tamponar o mal-estar constitutivo do homem são urgentemente convocados.

Já nos é sabido que os homens possuem inclinação para a agressividade e crueldade, assim, é possível pensar a violência que se passa no palco social como forma de expressar o que se produz no palco psíquico, também pode ser pensada como a expressão subjetiva de um intenso mal-estar interior, como a exteriorização de pulsões que comparecem de modo violento e que o sujeito não consegue simbolizar. A palavra é substituída pela passagem a atos violentos. É a própria radicalidade do desamparo e do mal-estar agindo de forma destrutiva em relação ao sujeito e a seus semelhantes.

Freud se pergunta porque é tão difícil para os homens serem felizes e neste mesmo texto apontou a vida em sociedade como uma das fontes de sofrimento. “Mesmo que não queiramos admitir, não podemos compreender o motivo pelo qual as instituições por nós mesmos criadas não trazem bem-estar e proteção para todos nós”. (FREUD,1930). A esse respeito diz que fracassamos na prevenção ao sofrimento e que para o homem conviver em sociedade é necessário suportar um quantum de mal-estar, conter a autodestruição e a destruição do outro, no entanto, as sociedades, salvo exceções, mantêm-se no antagonismo das forças opostas entre opressores e oprimidos como senhores e escravos. Suas leis são feitas de acordo com os

interesses dos governantes, contemplando muito pouco aos que se encontram em estado de sujeição, o que certamente causa insatisfação e intranquilidade (FREUD, 1930), gerando conflitos, rebeliões e guerras\*.

A exemplo da discussão estabelecida, no mundo há um crescente aumento de feminicídio e, segundo dados da ONU, tal violência é universal, e a África registrou o maior número de mortes de mulheres e meninas. Em nosso país houve um aumento de 12% dos feminicídios, o que aponta para a dificuldade de lidar com a diferença que a posição feminina escancara em sua castração na realidade do corpo. Ainda hoje a mulher é considerada um mero objeto dos que estão na posição do *ter* o semblante do falo à despeito da posição feminina ser o semblante do falo.

Ao refletirmos sobre o tema, vemos que em 1932, Freud afirmou que é pela grande necessidade de poder e o modo de sua relação com este, que o homem traz consigo um desejo de ódio e destruição. A destrutividade, é própria do humano, e não deixa de nos impactar e causar-nos intensa estranheza, mesmo sabendo que é um fato que desde sempre marca a história humana nas mais diversas e de diferentes modos nas sociedades. Nesse sentido, é importante salientar que existe na própria passagem aos atos violentos a inscrição de formas de subjetivação particulares de atuação, cuja castração e a falta são inoperantes.

Os mecanismos empregados para dar vazão a tais atuações, à pulsão de morte se transformam à medida que o discurso social se modifica no uso do sintoma para negar a existência do outro, a própria negação da alteridade\*, ao negarmos a existência do diferente, negamos que em nós mesmos por vezes nos deparemos com o estranho que nos habita. É curioso que para Lacan, a alteridade não está apenas no outro, mas no sujeito cindido que apresenta a estranheza que habita em si.

## REFERÊNCIAS

Freud, S. (1930) “O mal-estar na civilização”, vol. XXI. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1932) Freud, S. (1996g). Conferência XXXI (1933 [1932]). In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad.) (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. Discurso de Roma. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 219.